

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO II — N.º 93 — Domingo, 20 de Março de 1955

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

EXCELSIOR
As melhores tintas para navios de pesca e de comércio
Telefone 12
Depositarário nesta Vila: MANUEL DA SILVA DOMINGUES

OLHEMOS COM SIMPATIA

A PEQUENA IMPRENSA

Do importante vespertino «Diário Popular», permitimo-nos transcrever o seguinte artigo, da autoria de João Falcato, pseudónimo literário de um dos nossos mais considerados homens de letras.

SIM. Olhemos com simpatia a chamada Pequena Imprensa, que outra coisa não é que a Imprensa

Conta Gotas

Por MARIA MANUELA NUNES

A Primavera

Eu te saúdo, vida que regressas que sobes dos profundos húmidos abismos para sondar estrelas e distâncias, para correr a aventura da cor do perfume do trigo dos olhos do poeta, que desde longe já te pressentiam, da boca esfomeada dos passos e do labor dos homens vida!, saúdo teus ímpetos sagrados indomáveis tua teimosa lenta contínua germinação de repente verdura núbem seios túmidos vida!, e os ínfimos caminhos que escolheste — todos os caminhos — que levam ao efémero debruçar no varandim da luz e maresia...

Eu te saúdo, vida, e glorífico.

Aqueles

Aqueles para quem é tudo apenas questão de preço esses não estão aprendendo o perfume da hora.

Aqueles para quem a catástrofe é um negócio mais, uma aventura, esses não estão saudando a primavera.

Aqueles para quem as «boltes» são as únicas estrelas povoadas, esses não estão dizendo: Bons dias!

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

CENTRAL DO LEITE

DEPOIS das obras de adaptação, em curso, dum prédio situado na rua Cândido dos Reis, 97, onde anteriormente funcionava um Café, devem ser brevemente instalados ali todos os serviços de recepção e inspecção de leite, da Sociedade Produtora de Leite deste concelho, para a distribuição ao público em melhores condições que dantes.

Consta-nos também que a mesma Sociedade tenciona montar, nas suas novas instalações, um serviço de fabricação de manteiga, com leite da sua produção. Congratulamo-nos por este melhoramento de utilidade geral.

da Província. Não se quer com estas palavras levantar a sugestão de que ela seja, porventura, alvo da má vontade de alguém ou apresentá-la como mártir de obscuras maquinações. Nada disso. Já porque nunca o ouvimos de boca contente, já porque de experiência própria sabemos que assim não é. A Pequena Imprensa, a que serve as terras pequenas, sossegada, vive uma vida sossegada... Sossegada, tranquila, sem perseguições, nem vítima de incriveis maquinações obscuras, vive de facto a Pequena Imprensa, a dessas terras, mas... E que há então a dizer de uma vida assim? Não é como convém — sossegada, tranquila, sem perseguições, nem vítima de incriveis

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

SILHUETAS DO MEU TEMPO

O PROFESSOR DAS HORTAS

Por FERNANDO MORAIS

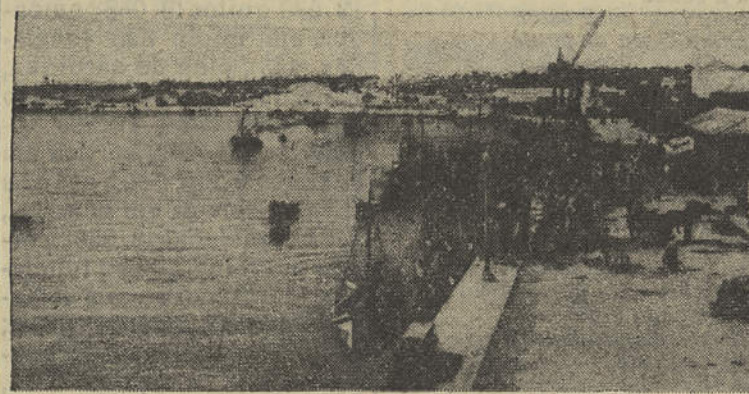
FIGURA das mais singulares e extravagantes, entre as muitas e desvaídas gentes que tenho conhecido em largo trato humano, foi o meu primeiro professor, de apelido Pereira Lima, que há trinta e tantos anos leccionava na então «escola móvel» das Hortas, mesmo à beira da estrada entre Monte Gordo e Vila Real.

Excelente pedagogo, carinhoso e paciente com as crianças no ensino das primeiras classes, só havia duas coisas que o faziam perder a tramontana e descambar em acessos de fúria. Eram as suas obsessões, de génese neurótica, e que lhe tiravam o sono: estarem em perigo imminente as instituições republicanas, e a sua fobia por qualquer manifestação ou símbolo religioso.

Quanto a estes últimos, então, a sua animosidade patológica levava-o a pesquisar, diariamente, no pescoço dos alunos, para ver se encontrava qualquer medalha, benteim ou crucifixo, que alguém trouxesse, em desrespeito à lei da separação. Caso topasse algum desses feiti-

ços, ardia Tróia e era certo o auto-de-fé à porta da escola, com acesa objurgatória contra os malefícios do fanatismo e dos «negregados jesuítas». Bom homem, no fundo, mas intransigente nos seus rígidos princípios de neutralidade laica...

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)



INTERESSES DE PORTIMÃO

Ó DA GUARDA!...

HÁ acasos felizes, e como tal consideramos este. Há dias, o nosso amigo e devotado portimonense, sr. Paulo Jorge Ribeiro Castela, administrador-gerente do «Externato Lusitano de Comércio», em Lisboa, perguntou-nos se sabíamos da publicação no «Notícias do Algarve» de uns artigos da autoria do ilustre escritor e jornalista senhor Marcos Algarve. Que não, respondemos...

—Pois leia, disse-nos, e vai ver que há-de gostar.

Por especial deferência da Casa do Algarve, conseguimos ver os jornais em referência. E, de facto, temos, apreciámos e gostámos...

São quatro excelentes artigos onde, a par de jocosas anedotas, referências históricas e pensamentos judiciosos, servidos por uma prosa leve mas contundente e atractiva, se leva o leitor

A CONSAGRAÇÃO DO

DR. JÚLIO DANTAS

PELA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

MUI douta e veneranda Universidade de Coimbra, numa atitude nobilíssima, que honra os seus brilhantes pergaminhos e tradições, em cerimónia de rara imponência e solenidade, impôs as insignias doutorais da sua Faculdade de Letras ao eminente escritor e poeta, dr. Júlio Dantas.

Justíssima consagração dos méritos de um homem que, através de uma longa vida, inteiramente devotada ao culto do espírito, enriqueceu em muito, com a sua vasta obra literária, o nosso património intelectual, servindo e honrando, em diferentes e altas missões diplomáticas, a Pátria e, em especial, este Algarve que o viu nascer.

«Perante tudo quanto aquela instituição representa de nobre e perdurável na vida da Nação; perante o esplendor das suas tradições; perante os seus quase sete séculos de grandeza hierática e de prestígio universal» — empregando as suas próprias palavras, o dr. Júlio Dantas, rodeado de ministros de Estado, de príncipes da Igreja, autoridades civis e militares, todo o corpo docente da Universidade de Coimbra, reitores e catedráticos das restantes universidades do País, diplomatas, escritores, artistas — enfim, toda a esfera intelectual da Nação, rece-

beu, na Sala dos Actos Grandes, a homenagem mais eloquente de toda a sua vida de grande figura das letras nacionais.

No banquete que ao novo doutorado foi oferecido, na Reitoria da Universidade, e em que o prof. Maximino Correia, num discurso exemplar, proclamou o orgulho da Universidade coimbrã por receber no seu seio o imortal autor da «Pátria Portuguesa» — Júlio Dantas, numa admirável oração de agradecimento, teve destas palavras que bem podem considerar-se a definição da sua forte personalidade, como, também, o perfeito elogio da «Alma Mater» que festivamente o acolheu:

«Mais ainda do que a vetusta nobiliarquia desta casa,

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

A CONQUISTA DO ALGARVE

AOS MOUROS E A CASTELA

Pelo Major SOUSA NUNES

A EXPEDIÇÃO atravessou a Serra do Mu, atapetada de flores de esteva da nascente Primavera. Marchava em três colunas, a saber:

Ordem Militar de Santiago, do comando de Gonçalo Peres Magro; Ordem Militar dos Hospitais, comandada por Afonso Peres Farinha; a milícia régia e municipal, constituindo um corpo de cavalaria mais numerosa e entusiasta, estranha às duas ordens dos monges militares do País.

Comandava-o o colação do conde de Bolonha, participante do mesmo berço, amamentado no mesmo seio, o inseparável amigo da infância e do exílio, D. Estêvão Anes de Sousa, filho de D. João Garcia de Sousa, o formoso, que tomou parte na tomada de Silves, com seu pai, o conde D. Mendo de Sousa.

Do estado maior do conde, to-

ACTIVIDADES

DA JUNTA DE FREGUESIA

CAMPANHA DE REPRESSÃO DA MENDICIDADE

SEGUNDO nos informam,

pensa a Junta de Freguesia pôr em execução, a partir de 1 de Abril próximo, o seu plano de repressão da mendicidade local.

Para isso, passa a distribuir aos pobres desta vila e de Monte Gordo, a partir daquela data, duas refeições diárias e ainda algum dinheiro, ao sábado, para as necessidades indispensáveis.

Julga-se que, desta forma, será possível acabar com a mendicidade nas ruas, uma vez que o Refeitório de Indigentes garante assistência aos pedintes do nosso concelho.

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

“Notícias de Serpa”

RECEBEMOS a visita de um novo colega que, com o título acima, iniciou a sua publicação na simpática vila de Serpa. O novo periódico, de feição regionalista, apresenta-se bem colaborado e com excelente aspecto gráfico, sendo seu director e editor o sr. engenheiro-agrônomo Francisco José Goinhas Palma.

Endereçamos ao «Notícias de Serpa» os nossos cumprimentos, com sinceros votos de muitas prosperidades e longa vida.

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

O MINISTRO DA ECONOMIA na Alemanha

Por ANTERO NOBRE

NO momento em que escrevo, está a decorrer a última jornada da viagem oficial do ministro da Economia, sr. dr. Ulisses Cortez, à Alemanha Ocidental. Já é possível, por isso e sem dúvida, afirmar que aquela viagem, além de ter resultado num verdadeiro triunfo pessoal do ilustre estadista, termina, sob muitos aspectos, nacionais e até internacionais, com os melhores auspícios.

Com efeito, se o propósito fun-

damental da visita do sr. dr. Ulisses Cortez à República Federal Alemã não era propriamente esse, a maneira gentilíssima e cativante como o representante do Governo Português ali foi recebido por toda a parte e por toda a gente, desde as entidades oficiais às grandes figuras do meio industrial e até ao próprio povo, as atenções de que o rodearam, as manifestações de apreço e simpatia de que foi alvo, — fizeram dessa

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

REFEIÇÕES

às crianças pobres

TAL como se tem feito nos anos anteriores, recomeçou há dias o funcionamento do serviço de 2 refeições diárias (pequeno almoço e almoço), que o Sindicato da indústria conserveira desta vila fornece a 450 crianças, filhas de operários da mesma indústria, seus filiados e residentes em Vila Real, Hortas e Monte Gordo.

Este refeitório, que no presente ano se encontra instalado num vasto armazém pertencente ao industrial deste centro, sr. João Baptista Brito, gentilmente cedido para este fim, mantém a sua benéfica actividade graças ao auxílio financeiro, no montante de algumas dezenas de contos anuais, que ao Sindicato vem concedendo o Grémio dos Industriais de Conservas do Sotavento do Algarve.

Não seria descabido encarar-se a fusão deste refeitório com a futura Cantina Escolar, cuja instituição se intenta levar a efeito, nesta vila, para auxílio a todas as crianças pobres das nossas escolas, sejam, ou não, filhas de operários da indústria de conservas. Aqui deixamos o alvitre.

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Com pouca demora, esteve nesta vila o nosso prezado amigo e assinante, sr. Fernando Garcia Pego Vasconcelos.

Encontra-se em Almada, de visita a sua filha e genro, a sr.^a D. Alda Ferreira Mendes, esposa do nosso prezado amigo, sr. Júlio Mendes.

Esteve em Lisboa, tendo já regressado a esta vila, o sr. André Roque.

Deu-nos o prazer da sua visita à nossa redacção o nosso prezado amigo, sr. António Moreira Parra, digníssimo chefe da Secretaria da Câmara Municipal de Castro Marim.

Com sua esposa, encontra-se nesta vila o nosso prezado assinante, sr. dr. Humberto S. de Brito Avó, distinto médico em Lisboa.

Regressou de Portimão, onde esteve de visita a seus tios, a menina Maria Antónia dos Santos, filha do nosso prezado assinante, sr. José Pedro dos Santos.

Já regressou de Tavira, onde foi operado, com feliz êxito, o sr. João Adelino Canelas, sobrinho do nosso prezado amigo e assinante, sr. José Rodrigues de Lima Centeno.

Encontra-se em Alfindanga a menina Maria Antonieta Correia dos Santos, filha do nosso prezado assinante, sr. João Aguilera dos Santos.

Com pouca demora, esteve nesta vila o sr. capitão Marques Loureiro, comandante distrital da P. S. P.

Com sua esposa, foi passar alguns dias a Lisboa o sr. Júlio Baptista Mateus.

Foi a Lisboa o nosso amigo e prezado colaborador, sr. António Vicente Campinas.

Esteve nesta vila, com breve demora, o nosso prezado amigo e assinante, sr. Francisco Medeiros Aleixo, funcionário da «Sonap», em Lisboa.

Casamento

Realizou-se, no passado dia 16 do corrente, o enlace matrimonial da sr.^a D. Noémia de Jesus Rosa Dionísio, filha da sr.^a D. Gracinda Rosa e do sr. Joaquim Dionísio, com o sr. António Salas Afonso, filho da sr.^a D. Amélia Salas, já falecida, e do sr. António Afonso.

Paranifaram o acto, por parte da noiva, a sr.^a D. Maria Antunes Caldeira e o sr. Francisco Vicente Caldeira, nosso prezado assinante, e por parte do noivo, a sr.^a D. Ana Salas e o sr. João Cláudio Antunes.

Após a cerimónia, foi servido um finíssimo copo de água, em casa dos padrinhos da noiva, oferecido pelos mesmos.

Ao novo casal, deseja o «Notícias do Algarve» muitas felicidades.

«Notícias do Algarve»

A «Revista de Contabilidade e Comércio», do Porto, transcreveu parcialmente as «Chávenas de café quase amargo», do nosso distinto colaborador, sr. dr. Cruz Malpique, publicadas num dos nossos últimos números. Agradecemos.

PARA SALVAR A VISTA

UM garoto de onze anos, Xenophon Tourlides, veio de avião, da Grécia a Londres, para salvar a vista. Um tumor sobre o nervo óptico anulou-lhe já quase por completo o sistema visual. A operação está a cargo do dr. Pennybaker, de Oxford, e todas as despesas são custeadas pela Organização Internacional de Auxílio à Criança.

Clínica de Santo António

(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

PELA PROVÍNCIA

VILA NOVA DE CAGELA

Frederico Celorico Drago

Faleceu, no passado dia 12, o sr. Frederico Celorico Drago, de 58 anos, abastado proprietário, solteiro, filho do sr. Filipe Celorico Drago Madeira, já falecido, e da sr.^a D. Mariana da Conceição Madeira Celorico, irmão do advogado desta Comarca, sr. dr. António Celorico Drago, e sobrinho do sr. João Gil Madeira, proprietário nesta freguesia.

O seu funeral, realizou-se no dia seguinte, para o cemitério local, vendo-se no acompanhamento muitas pessoas de todas as categorias sociais.

Fez-se representar o Terço da Legião Portuguesa, de Vila Real de Santo António, de que o extinto era oficial, por uma secção comandada pelo sr. José António Parra.

Dr. João Dias

Causou grande pesar a inesperada morte do conhecido clínico sr. dr. João Francisco Dias, pelo que um grupo de habitantes desta freguesia se deslocou a Alcoutim, a fim de o acompanhar à sua última morada, sendo portadores de uma coroa, como preito de eterna saudade ao ilustre cirurgião desaparecido, que tanto bem fez a quantos necessitaram dos seus serviços.

As famílias enlutadas apresentam «Notícias do Algarve» sentidas condolências. — c.

Falecimentos

D. Hermínia Mora Cruz

Faleceu, no dia 13 do corrente, em Lisboa, a sr.^a D. Hermínia Mora Cruz, de 64 anos, natural desta vila.

A extinta era casada com o sr. Manuel dos Reis Cruz, mãe das sr.^{as} D. Hermínia do Amparo, D. Maria do Carmo, D. Maria Amália Mora Cruz, e do nosso prezado amigo e assinante, sr. Manuel dos Reis Mora Cruz, chefe da contabilidade da Junta de Exportação do Café, em Luanda.

Apresentamos as nossas condolências.

D. Juliana dos Santos Aleixo

No dia 14 do corrente, faleceu nesta vila a sr.^a D. Juliana dos Santos Aleixo, de 68 anos, natural de Alcoutim.

A extinta era casada com o sr. Joaquim Francisco Aleixo e mãe da sr.^a D. Aurora Aleixo Teixeira. A família enlutada, especialmente ao nosso amigo e prezado assinante em Lisboa, sr. Francisco Medeiros Aleixo, apresentamos sentidas pêsames.

André Barão

No dia 18 do corrente, faleceu nesta vila o sr. André Barão, de 78 anos de idade, natural de Mértola, fiel de armazém do Grémio da Lavoura, daquela vila.

O extinto deixa viúva a sr.^a D. Maria das Dores Godinho Barão, e era pai das sr.^{as} D. Maria Amália Godinho Barão Passos, D. Judite Godinho Barão Santos, D. Antónia das Dores Barão Godinho, D. Aura Godinho Barão, e dos srs. Francisco Godinho Barão, André Godinho Barão e Manuel Godinho Barão, e sogro das sr.^{as} D. Pulquéria Gomes Barão, D. Antónia Rodrigues Barão, D. Felicidade de Jesus Barão e dos srs. Francisco Nicolau Godinho, Joaquim Gomes Passos e António Alves Passos.

A família enlutada, apresenta o «Notícias do Algarve» sentidas condolências.

Estes funerais estiveram a cargo da «Agência Patrocínio».

NÃO HESITE

Para os seus trabalhos tipográficos ou carimbos

PREFIRA A

TIPOGRAFIA SOCORRO

FÁBRICA DE CARIMBOS

Telefone 59 Apartado 3

Vila Real de Santo António

ELEMENTOS ESCLARECEDORES

PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

Armação do Mar do das Cascas

Do relatório da Companhia de Pescarias do Algarve, transcrevemos os seguintes períodos:

«Nesta temporada (1954), foi lançado mais ao mar o quadro da nossa armação, a título de experiência, após os estudos preliminares indispensáveis, o acordo com as outras empresas congêneras da costa de Távira, e a devida autorização das repartições de Marinha.

Porém, o resultado da pesca não correspondeu às nossas esperanças, cujas causas foram certamente as acima indicadas (más condições de águas e meteorológicas), e isto nos leva a renovar a experiência na próxima temporada, com o indispensável acordo das outras empresas, antes de, possivelmente, se a experiência a isso nos levar, regressarmos aos antigos locais.

Estes lançamentos mais fora acarretam-nos maiores despesas, mas estamos esperançados em que elas serão sobejamente recompensadas, se não se repetirem as más condições de águas e meteorológicas que este ano se deram.

E certamente o ano teria sido muito pior em resultados, se tivéssemos continuado na antiga posição, pois neste novo local pescámos espécies que nunca até aqui havíamos pescado, em tal quantidade, que em parte vieram atenuar a escassez do atum.

Conta Gotas

(CONCLUSÃO DA 1.^a PAGINA)

Ode à Doca de Pesca

Flores fúteis e frágeis — talvez por isso mesmo poderosas — hoje vos negarei minha poesia. Fala-ei caminhar passo a passo dos homens que sonharam a doca e a vão ter, que lutaram por ela e a levantam. A segurança pode chamar-se Doca de Pesca e o trabalho e a saúde tudo isso pode estar numa Doca de pesca como os barcos. Por que não a poesia se poderá também chamar Doca de pesca? Pois que o litoral do Algarve floresça não só espumas luz, pratas da rocha mas docas de pesca uma em cada porto e em cada areal firmes ancoradouros de trabalho e de paz.

Retrato

Enquanto a mãe dele que é mulher a dias trabalha na sala o Guilherme está sentadinho ao lado calçõesinhos curtos suspensórios de fitas coloridas. Vem cá, Guilhermino, deixa pentear-te. (Baixa, contrariado, a cabeça ruça.) Guilhermino, deixa que te lave os olhos. (Vira-se, para o lado, Napoleão de um palmo.) Guilhermino, toma pão com marmelada. (Nem sequer me fita nem um gesto, nem concessão de um tique.) Guilhermino? Qual! D. Guilherme, altivo.

Poema em azul

As crianças brincam na hora tranquila, eles às corridas elas sentadinhas, às cinco pedrinhas. As crianças brincam na hora tranquila... Que esta hora fique (digo eu, comigo) Através do frio e da chuva triste e das lanças firmes, que esta hora fique. Que esta hora subsista. Maria Manuela Nunes

SILHUETAS DO MEU TEMPO

(CONCLUSÃO DA 1.^a PAGINA)

O que nunca consegui compreender, quando lá andei na escola, foi a razão por que a esposa dele—senhora mudinha e simpática—usava sempre ao pescoço uma medalha da Santa Virgem da Conceição, enquanto o marido confiscava e destrua impiedosamente tudo quanto cheirasse a «beatice da padralhada e sacristia». Altos mistérios, que os meus tímidos 8 anos nunca osurem despender...

Ainda me recordo dum episódio burlesco, que evoco, entre vários. Tínhamos o recreio na estrada nacional, e uma bela tarde, quando me dispunha a trincar o meu lanche de pão ceiado com toucinho fresco, (da recente matança de «pôrco», de minha avó Vindes), passou uma carrinha que transportava o bondoso Prior Leiria, e o sagrado Viático para uma velhota moribunda, ali perto.

Ao ouvir o repenir da campainha, o rubicundo professor vem à estrada e, ao ver os seus discípulos ajoelhados, fica apolético, como se os monárquicos já tivessem feito a restauração realista. Irronpe em direcção ao veículo clerical e de sata em diatribe ameaçadora, mas o paciente prior, por única resposta, limita-se a ordenar ao cocheiro que toque o rocim em trote mais rápido. E era de ver o energúmeno mestre-escola esbaforido a correr, estrada fora, atrás da carrilha, sempre a gritar protestos pela violação da «neutralidade», perante o gáudio dos alunos e passantes. Por fim, lá houve por bem desistir, já exausto, mas de consciência satisfeita por este rasgo de jacobinismo com que julgava, talvez, ter amalhucado os reaccionários talassas, acrescentando os seus louros de firme sustentáculo do regime republicano. Deliciosa ingenuidade!

Noutra ocasião, pelo 5 de Outubro (creio que em 1923), organizou o nosso famoso professor das Hortas um cortejo cívico, que deu brado nestas paragens, como manifestação sintomática de aonde pode conduzir uma recta intenção, quando lhe falte o contróle do comesinho senso comum.

Quem for desse tempo deve lembrar-se de ver entrar na vila, entre grande mole de curiosos, a figura peregrina e vermelhusca do professor Lima, empunhando a bandeira nacional desfaldada, e atrás dele um pachorrento burrico, emprestado para o desfile, sobre cuja albarda vinha atado um velho gramofone, de larga campânula verde, a tocar um roufenho disco de «A Portuguesa». A D. Conceição, mulher do professor, lá ia constantemente dando corda à maquina, à ilharga do filósofo Jerico, e as estrofes do hino pátrio eram acompanhadas, em coro de precária afinação, pelos alunos de ambos os sexos, que seguíam em alas pelas valetas. «Contra os canhões, marchar, marchar!» Claro está que o cortejo, em vez de patriótico, derivou cómico. Bons tempos...

O que pouca gente sabe é o que foi feito deste nosso antigo mestre iconoclasta, aliás bom sujeito, aparte as excentricidades, e magnífico didacta, se lhe descontarmos os verrinosos excessos de fanatismo «anti-fanático», atribuíveis a um grão-sinho de paranóia larvada. Foi encontrado, há coisa duma dezena de anos, na capital, com o seu «petit grain de folie» um pouco aumentado com a idade e as vicissitudes dos mudados tempos. «Oh, quam mutatus ab illo!...» Que era feito da sua República?...

La à Caixa receber a mensalidade da sua aposentação professoral. Notel então que trata dois chapéus sobrepostos: um de palhinha e outro de feltro vulgar; nas mãos, um guarda-chuva e uma bengala; da lapela, pendiam-lhe, presos a fitas e de cada lado, um apito e uma gaitinha de beijos, que ele tocava alternadamente. Fiquel confrangido e, depois de hesitar uns instantes, dei-me a reconhecer. Não obstante o desarranjo mental pressuposto pela sua ratona apresentação, não só deu provas de surpreendente memória sobre pessoas e factos da minha terra, depois de tantos anos de ausência, como ainda me deixou maravilhado pela aparente normalidade com que raciocinava, no decorrer da conversa. Mas, tínhamos de despedir-nos para cada qual ir à sua vida, e então ele recomeçou os seus toques de gaitinha, que me arrepiaram a sensibilidade como dobras de finados por uma inteligência mal fadada. Não é nada agradável, com efeito, assistirmos às cenas finais dum tris-

AGENDA

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António

De 12 a 18 de Março:

- Entrados:
 - SÃO MACÁRIO, Português, de 1039 ton., de Lisboa, vazio.
 - GOLFINHO, Português, com o batelão «Pareda», de 260 ton., de Lisboa, vazio.
 - ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.
 - MADALENA, Português, de 1198 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.
 - COSTEIRO, Português, de 629 ton., de Lisboa, vazio.
 - ARBEDO, Suíço, de 996 ton., de Gibraltar, com carga em trânsito.
- Saídos:
 - COSTEIRO, Português, com minério, para Lisboa.
 - SEGUNDO, Marroquino, com pessoal para as armações, para Port Lyautey.
 - MADALENA, Português, com sal, para o Funchal.
 - GOLFINHO, Português, com o batelão «Pareda», com enxofre, para o Porto.
 - ZÉ MANEL e SÃO MACÁRIO, Portugueses, ambos com minério, para Lisboa.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 19 a 25 de Março, a Farmácia SILVA, Rua Miguel Bombarda-Telefone-64.

PREENCHIMENTO

DE UMA VAGA DE PILOTO DA BARRA E RIO GUADIANA

PELO prazo de 30 dias, está aberto concurso para preenchimento de uma vacatura de piloto para a Corporação de Pilotos da barra do Guadiana. As condições do concurso vêm publicadas na II série do «Diário do Governo», de quarta-feira última.

TEATRO INFANTIL

COMO havíamos anunciado no último número, realizou-se na passada segunda-feira, dia 14, na sala de festas do Lusitano Futebol Clube, um espectáculo teatral, desempenhado pelos alunos das escolas primárias desta vila, cujo produto reverteu a favor dos alunos pobres das mesmas. Todo o espectáculo decorreu com bastante satisfação da parte do público, que aplaudiu com agrado todos os números. Os garotos, todos muito bem ensaiados, portaram-se à altura dos seus papéis. De todo este espectáculo de ritmo e de cor, permitimo-nos salientar, sem todavia depreciarmos os outros números, a peçaninha «Gente Miuda», muito bem desempenhada, a Polca, o Corridinho, o Baile Marcado e vários números do Grupo de Canto Coral. Os acompanhamentos ao piano estiveram a cargo da D. Dialela de Mira Brito, que também ensaiou o Canto Coral, tendo havido nesta festa a cooperação da sr.^a D. Maria Arsenio Reis, que por lapso não mencionamos. No dia 23, quarta-feira, será levado à cena novamente este espectáculo infantil, que é digno de ser visto e de se lhe prestar toda a nossa colaboração pelo fim a que se destina.

VINHOS

Aguardentes e licorosos 100%. Antes de comprarem, consultem sempre o TREZE — Cartaxo.



Confecções Viresa, L. da

FÁBRICA DE CAMISAS

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Assinaí e propagaí «Notícias do Algarve»

te espectáculo de dissolução mental, mormente tratando-se de alguém que estimamos e respeitamos, consoante sucede, naturalmente, com um professor da nossa infância. Algum tempo depois deste encontro, li a sua morte nos jornais, e confesso que senti certo alívio por sabê-lo, enfim, a salvo das troças e misérias deste mundo. Agora, já liberto de todos os defeitos («nil de mortuis nisi bonum»), cá o tenho integrado, carinhosamente, na minha galeria de recordações de outrora, para evocar com a saudade dos tempos que não mais voltam.

Fernando Morais

VIDA LITERÁRIA

Por JOÃO A. MENDES LEAL

Pintura Flamenga e Holandesa do Museu de Évora

Por MÁRIO T. CHICÓ

Tercelro Álbum da Coleção Museu-Estúdios COR - Lisboa

DEPOIS do primeiro Álbum desta valiosa Coleção, dedicado ao célebre quadro de Hieronymus Bosch «Tentações de Santo Antão», e dum segundo consagrado ao conhecido políptico de Nuno Gonçalves, exposto no Museu das Janelas Verdes, em Lisboa, os Estúdios COR acabam de lançar no mercado livresco o terceiro episódio da sua maravilhosa selecção artística, episódio notável e votado à Pintura Holandesa e Flamenga existente no Museu Regional de Évora. A cargo do prof. dr. Mário Chicó, ilustre e distinto director daquele Museu Regional, e senhor de outros títulos igualmente apreciáveis, ficaram a Introdução a este volume, bem como as notas que acompanham e explicam todas as suas reproduções. Não podia a escolha ter sido mais feliz e mais oportuna.

A cidade de Évora foi, durante largo tempo, um dos principais centros artísticos e culturais de Portugal, e ainda hoje ela goza duma fama inteiramente justa, que a designa, na voz do povo e na voz dos conhecedores, como a cidade-museu do nosso país. Muitos dos mais afamados pintores da Idade Média e do Renascimento ali deixaram, nas igrejas e nas capelas, parte importante das suas obras, que, uma vez

reunidas, constituem um dos mais ricos agrupamentos de pintura estrangeira existentes entre nós.

Para que este Album fosse acessível não só ao público português, como ao público de além-fronteiras, entenderam os editores traduzir o seu texto em francês e inglês, linguas que, dada a sua universalidade, serão bem capazes de levar a todo o Mundo este terceiro Album da Coleção Museu. E ele que bem o merece.

O aspecto gráfico da edição, pormenor que não é para desprezar em obras desta categoria, é simplesmente primoroso, sendo para destacar, dentre todas as reproduções, um pormenor da «Ceia», numa policromia de valor, e o «Retrato de Personagem Desconhecido», da autoria do mestre holandês, A. de Vries. E' de assinalar também, pela sua fidelidade e pelas suas dimensões, a «Cena de Inverno», tela saída da mão de Hendrik Avercamp. Toda a obra está impressa em esplêndido papel e com extremo cuidado.

Uma vez mais, aqui vão os nossos parabéns para os Estúdios COR, com os nossos votos de que prossigam sempre pelo caminho honesto e desimpedido que escolheram, o qual, sendo o mais raro e o mais difícil é, por isso mesmo, o mais meritório.

LA BIBLIOTHÈQUE MONDIALE — Paris

OS nossos leitores que se interessam por estas coisas das Letras, sempre ávidos de cultivarem o espírito e de entrarem em íntimo contacto com os autênticos tesouros do género humano, aqui fica um conselho amigo e desinteressado: assinem a «Bibliothèque Mondiale»!

Que é a «Bibliothèque Mondiale»? É uma colecção das obras mais representativas da literatura mundial, dirigida por André Billy, da Academia Goncourt, Pierre Mac Orlan, da mesma Academia, André Maurois, da Academia Francesa, Henri Mondor, igualmente membro desta Academia, Daniel Rops, Armand Salacrou, da Goncourt e Henri Troyat. Tudo nomes ilustres da moderna literatura francesa, e capazes, só por si, de garantirem uma selecção judiciosa e de valor indiscutível.

Como é organizada a «Bibliothèque Mondiale»? Duas vezes por mês, vem a público uma obra escolhida pela direcção literária da colecção, magnificamente apresentada e de custo proporcional ao seu número de páginas. Ilustra um prefácio da autoria de um dos escritores acima referidos, e que muitas das vezes chegaria para justificar o preço do volume. No fim do livro, publicam-se uns cadernos de estudos literários e artísticos de grande mérito e de interesse sempre palpante. São as novidades da quinzena, as críticas literárias desses quinze dias, notas curiosas sobre alguns autores, apontamentos históricos, projectos das maiores casas editoras de França, e todo um mundo de pequenos nadas, que são, afinal, o meio intelectual francês. No último volume publicado, temos: os filmes, os estudos, as descobertas e os manuscritos de Stendhal; um estudo a propósito da exposição de Van Gogh; retrato de Simone de Beauvoir.

Enumerar todas as obras já editadas pela «Bibliothèque Mondiale» seria extremamente fastidioso e por isso assinalamos, ao acaso, e como simples exemplos, as seguintes: «Noventa e Três», de Vitor Hugo, com prefácio de Maurois; «O Inimigo», de Voltaire, prefaciado por Henriot; «Discurso sobre o Método», de Descartes, com prefácio de G. Lewis; «Esplendores e misérias das cortesãs», de Balzac, e prefaciado por D. Saurat; «As mil e uma noites», comentadas por Cocteau; «O Corsário», de Lord Byron, com prefácio da autoria de Claus; «Contos extraordinários», de Edgar Poe, prefaciado por C. Baudelaire; «A mulher do outro», de Dostoiévsky, prefácio de Caprier; «Vermelho e Negro», de Stendhal, e prefaciado por Mauriac; «Salammbo», de Flaubert, com prefácio de Dumesnil; «Cartas de Vichy», de Mme. de Sévigné, introduzido por Célerié; etc. Prevê-se a publicação de obras de Kipling, George Sand, Musset, Tolstói, Rousseau, Taine, Dumas, Diderot, etc. Em resumo: um conjunto verdadeiramente excepcional!

Em que condições se pode assinar a «Bibliothèque Mondiale»? Escreva o leitor para—8, Rue de Berri, Paris—e prontamente receberá um folheto explicativo. E' um bom conselho que lhe damos! Será, depois de subscrever a sua assinatura, membro do Círculo da Bibliotheca mundial, o que lhe permitirá gozar dumas certas regalias e duns certos descontos em determinadas obras já publicadas. A organização é esplêndida e poderosa, tão poderosa que o seu número de associados se eleva a muitos milhares. Em segredo, sempre lhes digo que eu sou o sócio n.º 24.000!!! E' pasmoso, meus amigos!

Que pena que entre nós se não possa pôr de pé uma engrenagem destas, mesmo guardando as devidas proporções!...

Interesses de Portimão O DA GUARDA!...

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

tado ser servida por estranhos, que não podem ter por ela, cidade, um verdadeiro interesse.

Não se compreende, de facto, havendo em Portimão tanta gente capaz de desempenhar cargos administrativos. Talvez que se pense que o ditado «sanlos de casa não fazem milagres», tem a sua razão. Mas, ditados são ditados, e nem todos se justificam! Haja em vista o que foi a administração do falecido e saudoso benemérito Francisco de Bivar Weinholtz e de outros mais que lhe sucederam. Mas as coisas são o que são, e não aquilo que deveriam ser...

Não nos devemos, porém, acomodar num conformismo prejudicial, sem que o nosso protesto marque a nossa discordância!

Concordamos em que há necessidade, em certos casos, de fazer algumas modificações. Mas estas devem ser feitas sem desrespeito pelos princípios e pelas boas normas.

Alterar os nomes das ruas, sem uma justificação, é caso que merece reparos e causa perturbações na vida cidadina. Não haverá que fazer outras modificações mais necessárias?... Parece-nos bem que sim...

O 5 de Outubro é uma data histórica que deve ser respeitada. A substituição de um regime por outro é um facto marcante na vida de um país. A República tem já 44 anos de existência e, se durante esse tempo alguns factos condenáveis se passaram, é incontestável que o progresso que se tem verificado durante esse período demonstra bem que mereceu a pena a mudança operada em 5 de Outubro de 1910.

Mantém-se essa data como um símbolo. Assim o entendem as entidades que superiormente nos dirigem, que não tendo uma compreensão comesinha e um espírito tacanho, não chegam à mesquinhez de modificarem nomes ou títulos por simples prazer. É a prova é que há em Lisboa uma Avenida de 5 de Outubro, e uma unidade da nossa Marinha de Guerra —parece-nos que um Aviso—também tem o mesmo título. Isto como exemplo, apenas...

Em Portimão, a Rua 5 de Outubro deu lugar à Rua da Guarda! E' caso para gritar! O' da Guardall... Tudo isto e outras coisas de igual ou semelhante jaez, que se passam em Portimão, focadas por mão de mestre — como Mestre que é, nestas lides da Imprensa, o sr. Marcos Algarve —, devem esclarecer os portimonenses e chamá-los às realidades da vida!...

Torna-se indispensável que despertem do seu marasmo, do seu conformismo, da sua inércia, impelidos por um bairrismo, que, sem ser exagerado, seja, ao menos, o indispensável para que a cidade encontre o seu caminho, aquele que a leve ao seu progresso e ao desenvolvimento e prosperidade a que tem verdadeiro jus!!!

J. G. R.

NOVOS ASSINANTES

Deram-nos o prazer da sua assinatura os srs. José Correia Apolónia, desta vila; José Gonçalves Rodrigues, de Lisboa; Dimas Gaspar Martins, de Alcoutim, e António Joaquim Candeias Nunes, de Portimão.

A todos, os nossos agradecimentos.



DESPORTO

FUTEBOL

Campeonato Nacional da III Divisão (Zona D)

ATLÉTICO DE MOURA, 2 — LUSITANO, 1

Campo: Maria Vitória, Moura. Árbitro: Lourenço Simões, de Évora.

A. Moura: Mamede; Carapinha e Delgado; Acabado, Janeiro e José Bernardo; Costa, Adão, César, Marques e Aníbal.

Lusitano: Balbino; Daniel e Pescada; Lopes, Natércio e Fernando; Almeida, Travassos, Antunes, Raimundo e Ramires.

Primeiro tempo: 0-1.

Marcadores: Aníbal e Adão, pelos vencedores; Antunes, pelo Lusitano.

Vitória justa do grupo da casa, que exerceu maior domínio, exibindo-se em bom plano.

O Lusitano marcou primeiro, mantendo-se na posição de vencedor até ao intervalo, mas cedeu no recomeço, mercê de uma grande penalidade que os locais aproveitaram da melhor maneira.

Quebrando sensivelmente, pois a equipa, como é habitual, também acusou a posição de grupo visitante, fácil foi àqueles o segundo tento, que estabeleceram o resultado.

De salientar, que o Lusitano actuou desfalcado de 3 titulares a cumprir castigo, o que forçou a um arranjo de emergência, com troca de lugares e inclusão de elementos novos, sem experiência.

A arbitragem teve actuação regular.

J. C.

Outros resultados:

Sport Faro e Benfica-Silves . 1-5
S. Domingos-Despertar . . . 8-2

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	B	P
Silves	5	4	1	—	15	4
S. Domingos	5	4	—	1	16	7
LUSITANO	5	2	—	3	17	8
Despertar	5	1	2	2	8	12
Moura	5	2	—	3	11	16
S. F. Benfica	5	—	1	4	6	26

Jogos para hoje:

DESPERTAR - LUSITANO
S. DOMINGOS - S. F. BENFICA
MOURA - SILVES

Aos nossos assinantes

Informamos de que estão à cobrança os recibos referentes à 10.ª série, n.º 91 a 100 do nosso jornal, pelo que antecipadamente agradecemos aos nossos estimados assinantes o seu bom acolhimento.

A falta de pagamento ao cobrador ou nas estações postais, dentro do respectivo prazo, implica a devolução dos recibos e, consequentemente, um agravamento de despesas que a situação da Pequena Imprensa não suporta.

Contamos, por isso, com o bom acolhimento de todos.

Preço de assinaturas:

Continente	
Séries de 10 números	9\$90
» » 20 »	19\$90
» » 50 »	49\$50

Ilhas e Colónias Portuguesas
6 meses 28\$80
Um ano 57\$60

Estrangeiro
Um ano 90\$00
Pagamento adiantado

AUTOMÓVEL STANDARD

B. H. 14-59. 8 H. P.

Dum só dono, impecável de funcionamento e conservação. Estofos e Pintura ainda de origem. Vende-se posto no Algarve, sujeito a qualquer experiência.

PREÇO—17.500\$00

TRATA
JOSÉ DE LIMA
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

AS 3

GRANDES MARCAS DE MOTO-BOMBAS

GORMAN-RUPP

MIDGET

ALCO

MUNDIALMENTE CONHECIDAS

AS MELHORES E MAIS ECONÓMICAS

SÃO EXCLUSIVO DE

H. VAULTIER & C.ª

RELÓGIOS — RELÓGIOS

Hoje, amanhã e sempre

BOAS MARCAS E COM REPUTAÇÃO MUNDIAL

SÓ NA ANTIGA CASA

RAMOS & MATEUS

R. Teófilo Braga - Vila Real de Santo António

Pelo Dr. CRUZ MALFIQUE

A CRÍTICA DO TEMPO

O tempo é galant'uomo e só ele põe as coisas no seu lugar. As coisas e os homens. E, por isso mesmo, é temerário meter numa história da literatura quem ainda não passou desta para a outra vida. Importa que o tempo role sobre um nome, para verificarmos se o nome é boroa esfarelável, ou diamante capaz de zombar do sol e da chuva, dos dias, dos meses, dos anos. A crítica em vida precisa do post scriptum do tempo. Só este é crítico infalível.

TRABALHO DA CANETA

Nisto do escrever, se há quem o possa fazer na maior das baldrias, dando até a impressão de que a algazarra funciona de espietadora do espirito, o habitual é exigir-se um clima de absoluta tranqüilidade, mergulhado num silêncio em que se poderia ouvir crescer a erva. Um Antero, que sofria de fobia aguda pelos ruídos, só podia trabalhar no sossego cortável à jaca.

ULTRA-ROMANTISMO

Ao ultra-romantismo, o romantismo de cavernas nos pulmões, julgo eu que já alguém chamou sublime tristeza do mundo. Isto lá pelas Franças. Mas, tanto nas Franças como nas Aragaças, aqui há coisa de um século e pico (estamos escrevendo no ano de 1954), grassou a epidemia de que o sentimento era tudo e a razão uma burguesíssima virtude, só usada por merceiros e classes adjacentes. Seria a moda do ultra-sentimento uma reacção contra o racionalíssimo século XVIII? Não é inverosímil supor que o fosse, se bem que, em grande parte dos casos, as modas registam-se, não se explicam. Vem não sabemos donde, demoram-se não sabemos porque, e caem depois na vala comum do esquecimento, como tudo cai neste mundo. Tout lasse, tout casse, tout passe...

APRENDER

O ideal seria que quem aprende aprendesse com irresistível apetite, na clave do puro prazer. Mas, como o ideal não é cá deste mundo, e, neste mundo, a gente precisa de saber, por amor da nossa profissão, até mesmo coisas que não despertam apetite nem são divertidas, convém ir insinuando, no espírito dos alunos, que há conhecimentos que têm de assimilar-se como quem assimila remédios de botica.

O MINISTRO DA ECONOMIA na Alemanha

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

viagem, no plano internacional, um verdadeiro acto de cordial aproximação dos dois povos. O gesto do sr. dr. Teodoro Heuss, Presidente da República Alemã, recebendo o ministro luso, garantindo-lhe pessoalmente o grande interesse de todos os alemães pela sua presença e pelas consequências que da mesma se esperavam, e agraciando-o, por fim, com a Grã-Cruz da Ordem de Mérito da República Federal, mais realça ainda este significado de aproximação e bom entendimento entre o povo português e o povo alemão, de que a viagem se revestiu.

Mas os objectivos fundamentais da viagem, esses tudo leva a crer que foram, também, plenamente atingidos.

Procurava o sr. dr. Ulisses Cortez, na Alemanha, por um lado, o estudo e observação das técnicas industriais mais avançadas, sobretudo no campo da siderurgia e da electricidade, para documentar-se com vistas ao desenvolvimento dos grandes empreendimentos que nesses ramos estão em curso no nosso país e de que aquele estadista é o grande impulsor; por outro lado, um estreitamento das relações comerciais com o grande país industrial que é a Alemanha, em ordem a obter-se um vultoso acréscimo das importações alemãs de Portugal e o fornecimento, especialmente, por parte da República Federal, de maquinaria para a nossa alta indústria em formação. Ora, tanto quanto nos é possível concluir dos extractos e resumos, transmitidos pelas agências noticiosas, de um comunicado oficial publicado em Bona, sobre as conversações entre o ministro português e as autoridades alemãs, o segundo daqueles objectivos foi alcançado, não só por ter «havido sem-

ACTIVIDADES DA JUNTA DE FREGUESIA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

As autoridades policiais compete zelar pelo bom cumprimento desta medida, mas não só estas devem prestar a sua colaboração; é indispensável que todas as pessoas também cooperem, abstendo-se de dar esmolas à porta e nas ruas, transferindo para a Junta esse encargo e contribuindo para o Refeitório de Indigentes.

A ninguém deverá surpreender que a execução deste plano assistencial represente para a Junta de Freguesia um pesado encargo financeiro, cujas receitas previstas estão longe de o cobrir, pois, se bem que tenhamos conseguido grande número de novos subscritores e que muitos tenham mandado elevar as suas quotas, mais de metade das pessoas a quem foram mandadas circulares mostraram-se indiferentes, não correspondendo ao nosso apelo.

Por isso, o plano vai ser posto em prática em regime experimental, dependendo de todos os habitantes da nossa terra (os que podem) o êxito ou o insucesso desta iniciativa. O problema é, pois, um problema local, que só a nós compete resolver, e espera-se, portanto, que todos aqueles a quem foram mandadas circulares, e que ainda se não pronunciaram, não deixem de contribuir mensalmente para o Refeitório de Indigentes, uma vez que deixam de dar directamente aos pedintes que os importunam.

Visado pela Comissão de Censura

ACTIVIDADES DA JUNTA DE FREGUESIA

pre acordo quanto ao facto de ser de interesse para ambos os países o estreitamento das relações económicas, mas também por ter sido «ventilada a possibilidade de uma importação reforçada de equipamento industrial produzido na República Federal», encarada «a possibilidade de assistência técnica», ter-se aquela mostrado «disposta a dar todas as facilidades para estágios de instrução na Alemanha de técnicos e industriais portugueses» e ir o governo alemão «estudar imediatamente as possibilidades de intensificar as suas compras em Portugal.»

Sob o primeiro dos citados aspectos, também o sr. dr. Ulisses Cortez tem razão para regressar satisfeito. Desde os grandes centros mineiros e industriais do Ruhr, e aqui especialmente as famosas fábricas Krupp, onde lhe foi tributada especial e significativa recepção, até ao mais importante conjunto industrial da Europa, que são as instalações da Badische Anilin und Soda Fabrik, em que trabalham cerca de 40.000 operários e se fabricam adubos e nitrogénio, passando pelas usinas de produtos químicos e farmacêuticos da mundialmente conhecida empresa «Bayer», e por esse grandioso panorama de conjunto que é a Feira de Francfort, — tudo o que de mais importante existe na alta indústria alemã foi mostrado ao ilustre estadista português, que tudo percorreu e viu minuciosamente, de tudo recebendo completas explicações por parte dos técnicos alemães, que nessas visitas amavelmente o acompanharam.

Assim não pode haver dúvida de que esta viagem do sr. Ministro da Economia à Alemanha — a que a Imprensa alemã, diga-se também aqui, ainda, deu o maior relevo e expansão — termina sob

MENOS E MAIS

A certa dama, que passa o tempo a pintar-se e a mirar-se ao espelho.

Porque muito te pintas e repintas os cuidados domésticos desleixas e, descuidosa, deixas — trocando-os, afinal, por enganosas tintas — que na tua lareira se apague a útil, benfazeja brasa.

Pois trata menos da cara, presumida pintureira, e olha mais pela casa.

CARDOSO MARTHA

A conquista do Algarve

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

querque, na Ásia e o seu descendente Mousinho, em África.

Mais dois irmãos, D. Fernando e D. Afonso Lopes de Baião, glorioso poeta e guerreiro; D. Mem Soiras de Melo, o primeiro Melo que houve em Portugal; D. Egas Lourenço da Cunha, descendente de D. Guterres, e ascendente dos Cunhas portugueses; D. João Soares Coelho e muitos mais.

Todos estes fidalgos foram companheiros do conde de Bolonha, nos últimos anos de exílio, e discípulos muito dedicados e atentos do príncipe dos trovadores, D. João de Aboim.

Por último, não quero deixar de me referir a uma dama que a tradição diz fazer parte da aventura, a muito linda e muito nobre, D. Leonor Afonso, filha de D. Afonso III, gerada em mulher incógnita, antes de partir para o desterro.

A lendária presença desta infanta no Algarve, acompanhando seu pai, na guerra contra os mouros, foi origem de tremendos erros históricos, o mais disparatado de todos, cometido por Garrett, a propósito da heroína do seu genial poema D. Branca.

Diz-se que o jovem poeta, determinando de escrever a sua composição, em vez de se dirigir à Biblioteca Nacional, e consultar em meia hora a Crónica de Afonso III, por D. António Brandão, encontrou-se com um amigo, especializado em coisas históricas, como os houve sempre, o qual, interrogado, responderia com a maior firmeza que o rei tivera apenas uma filha de nome D. Branca.

Mas, esqueceu-se de lhe anotar que, no dia em que o soberano pusera pé no Algarve, contava a mãe dela — a mãe! — três anos de idade! E não sabia, como pouca gente hoje saberá, que D. Afonso III tinha, pelo menos, mais três filhas, umas delas, esta D. Leonor, que poderia ter, por este tempo, dezanove para vinte anos.

Ambas acabaram a sua vida em mosteiros, mas D. Branca, morrendo solteira, deixou um filho; D. Leonor, casando duas vezes, não deixou filho nenhum. A primeira vez, foi seu esposo, D. Estêvão Anes de Sousa, o amigo de seu pai, o que comandava na expedição as tropas concelhias e régias, como dissemos, e não admira que sua mulher fizesse parte dela.

Enviuvando, vinte anos depois, com uma grande fortuna, ainda fresca, era natural que aspirasse, para segundo esposo, a um jovem pagem. Pois não; casou com um «mancebo» de noventa anos, da família, o tio do primeiro marido, o conde D. Gonçalo Garcia! Por aqui, vê o leitor que ela tinha pancada.

A expedição chegou às portas de Faro, no dia 28 de Março de 1249, e a cidade caiu logo em poder dos lusitanos! Depois, tiveram a mesma sorte Loulé e Albufeira. Vendo D. Afonso tão fácil a empresa, confiou a conquista do resto do Algarve aos três chefes

TRADUÇÕES E CORRESPONDÊNCIA

dos seus exércitos, e em 28 de Maio já foi visto no Crato, e em 8 de Agosto em Coimbra, recrutar outro exército.

Para quê, se as coisas lhe corriam tão bem no Algarve? Que pressa foi aquela de partir? Durante os primeiros combates, D. Afonso teria sabido que o rei mouro Mafote, ou Ben-Afan, vendera o Algarve a Castela, e que este país o reclamaria, na hora em que a conquista dele estivesse no fim!

D. Afonso III teria mandado suspender as operações, até que tivesse recrutado outro exército que lhe permitisse atacar o castelhanos em pleno coração, quando pretendesse fazer vigorar a sua perfídia.

Pela flor da amendoira do ano seguinte, 1250, o rei estava de volta em Faro, e doou a ordem dos Hospitalários de Albufeira e Porches a D. Estêvão Anes, seu genro.

Entende-se que D. Estêvão e sua mulher teriam passado no castelo de Porches metade do ano de 1249 e princípios de 1250, e que nesse espaço de tempo muitas e arrojadas escaramuças entre os dois exércitos se teriam dado, e mesmo impetuosas investidas contra Silves, pelos cristãos, e contra Porches, pelos mouros.

Custa alguma coisa a crer que, numa dessas investidas a Porches, D. Leonor tivesse sido levada para Silves e encerrada no castelo do rei Ben-Afan, donde o pai a viera libertar, em 1250?

Daqui teria nascido a lenda de D. Branca, que Almeida Garrett, erradamente informado, escolheira para heroína do seu imortal poema.

De Faro, em 1250, D. Afonso III teria corrido a Coimbra, ou directamente à fronteira, colocando-se à frente do seu exército, invadindo Castela por Cima-Coa, a pedir satisfações ao primo D. Fernando da sua pouca limpa traficância com o rei dos mouros.

D. Fernando foi um rei muito justo e amigo dos portugueses. Deu muita razão ao conde de Bolonha, como continuava a ser tratado pelos inimigos de lá e de cá, e desculpou-se com o filho. Foi ele que havia tratado de tudo, sem o ouvir nem consultar, e com ele se devia entender.

E os dois defrontaram-se pelas armas, com desvantagem para nós. Logo que viu que o seu exército estava em inferioridade, o conde negociou, assinando tudo que lhe puseram à frente. Aceitou como boa a transação, e retirou para Portugal, a reforçar as suas tropas para melhor ensejo.

O futuro rei D. Afonso X, o sábio, esfregou as mãos de contente, e escreveu para D. João de Aboim, dando-lhe a boa nova de que deixava de ser lugar-tenente do conde de Bolonha e passava a ser seu! Era tão inteligente, apesar de sábio, como isso.

O resto fica para contar noutro artigo.

Sousa Nunes

OLHEMOS COM SIMPATIA A PEQUENA IMPRENSA

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA)

veis maquinações obscuras? Mas, realmente há um mas.

E' que, para viver bem, não basta não viver mal. Precisa-se de qualquer coisa de positivo para se viver bem. Parece ser o caso da Pequena Imprensa — lá por não viver mal não se pode concluir que a sua vida seja o que devia ser, em função dos seus méritos e dos seus préstimos.

Todos, mais ou menos, conhecem estes méritos e estes préstimos de que falo. Sabem que por essas muitas terras em que existem esses pequenos jornais, de que nos ocupamos, há problemas a resolver, questões a derimir, importantes uns e umas, insignificantes outros e outras. Tudo, porém, grande ou pequeno, precisa de resolução e quando é um só poder a resolver, decerto tudo está rigorosamente tratado, mas nem sempre a contento de todos. Ai está, então o jornal da terra para propor, sugerir, lançar uma emenda. Da sua acção nascerá em breve a harmonia colectiva, pois, com a sua intervenção, aplanaram-se as diferenças de opinião, sujeitou-se o problema a um tratamento de estudo equilibrado, enfim, encontrou-se a solução que agrada a todos. Desta acção, repetida em muitas circunstâncias, resulta, indiscutivelmente, um mérito. Que o jornal de província tem muitos, embora este seja o de mais vulto. Mas, por serem menores, não deixam de o ser o de estabelecer uma continuidade de relações espirituais entre os filhos da mesma terra que aí continuam e os que as lides da vida levaram para longe, por exemplo. E outros, como o de espalhar cultura, o de amenizar uns minutos do dia dos seus leitores, o de pugnar pela elevação de vida do meio em que se publica e tantos outros. Deixo à parte, e de propósito para o fim, o que me parece importantíssimo que é o de ser o porta-voz dos interesses da terra e o seu mais acérrimo defensor.

E que resulta destes indiscutíveis méritos? O sossego, a tranqüilidade de que já falámos? Mas não é apenas com tranqüilidade que se faz um jornal. Necessita-se de mais: na sua realização vão-se muitas horas de trabalho, despende-se muita energia, emprega-se capital. Ora, acontece que sendo a tranqüilidade de espírito uma apetecível recompensa, não basta, sobretudo, para pagar trabalho, dispêndio de energia e empate de dinheiro. E' necessário acrescentar-lhe tranqüilidade económica e facilidade no cumprimento da missão que tomou sobre os ombros. E já que a conversa toma este rumo, torna-se forçoso verificar que a Pequena Imprensa está completamente abandonada, porque, além de não receber qualquer ajuda oficial, para que a sua vida seja mais do que uma penosa sobrevivência produzida pelo brio e pelo amor à terra, também, de um modo geral, não recebe o incentivo, enfim, a simpatia que merece. Nalguns

casos, creio mesmo que na maioria, um jornal de província é uma obra de amor à terra, uma questão de brio dos chamados «carolas», quase uma teimosia. Podíamos até indicá-los um a um, pelos nomes, esses jornais que há dez, vinte e mais anos saem regularmente, mercê da devoção dos que nela trabalham. Do director ao último redactor, não há quem afigure um ou outro anúncio para pagar papel e impressão. Falando deste assunto, não é possível deixar de evocar tardes de feriado e serões pela noite dentro, dedicados à tarefa de fazer o jornal, depois do dia de trabalho necessário à vida. E deste labor obscuro, persistente, anónimo, têm saído obras de que se orgulham muitas terras e cujos benefícios auferem, sem que se lembrem a quem os devem. E' verdade que o melhor, que é a obra realizada, ali fica a pagar-nos dos sacrifícios feitos, das horas obscuramente consagradas ao bem comum, mas é negável o valor da gratidão como recompensa e incentivo.

Parece-nos, pois, que nesta ordem de ideias, há uma dívida de gratidão por pagar, muita simpatia por exprimir.

Baila-me, neste momento, no espírito um exemplo: na terra onde vivo, existe uma escola técnica que serve centenas de alunos da cidade e dos arredores. Melhoramento desejado por todos, passo à frente indiscutível no progresso, porque existe? Anos e anos, infatigável, dedicadamente, um jornal da terra demonstrou a necessidade dela, pediu, insistiu pela sua criação. Conseguiu-o; a obra aí está, mas, que eu saiba, não recebeu ainda por isso uma palavra de simpatia vinda de onde devia vir.

E. é esta a recompensa que recebe, geralmente, a Imprensa da província. Não é muito que lhe demos, ao menos, a nossa simpatia.

João Falcato

Dr. Júlio Dantas

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

mais ainda do que as suas veneráveis tradições, eu saúdo o que há nela de moço, de risonho, de radioso, de perpétua renovação, de imortalmente juvenil. Sem o sol que as doura, que as ilumina, que as transfigura, onde estaria a beleza das velhas Catedrais? Sem as árvores novas, que seria das velhas florestas? Sem o berço, a seiva, a fonte, o sorriso, a graça, a flor — que seria da Vida? Velha Universidade de Coimbra, mãe espiritual de todos nós, tu estendes-te generosamente os braços à minha velhice. Eu levanto a minha taça pela tua mocidade!...

BICICLETA

Vende-se, uma bicicleta com motor «Cucciolo», em estado de nova. Quem pretender, dirija-se à Rua D. Pedro V, n.º 14 — nesta vila.